

“ O QUE O MATOU FOI O ISOLAMENTO ”

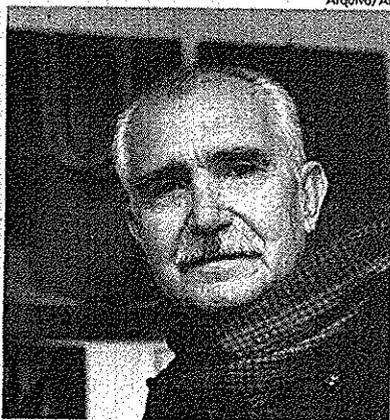
(Do sertanista Orlando Villas-Boas, sobre o irmão Cláudio)

Enfarte mata Cláudio Villas-Boas

AO LADO DO IRMÃO ORLANDO, O SERTANISTA CONSTRUIU A MAIS IMPORTANTE OBRA DE CONTATO E RESGATE DA CULTURA INDÍGENA DA HISTÓRIA BRASILEIRA

Morreu ontem em São Paulo o sertanista Cláudio Villas-Boas, de 82 anos. Ele sofria de depressão havia um ano e teve um enfarte às 8h. Sua secretária encontrou o corpo no apartamento na Rua Heitor Penteado, zona oeste de São Paulo, onde morava sozinho. Foi enterrado no fim da tarde de ontem no Cemitério do Morumbi, na presença de cerca de cem pessoas. A família optou por um velório rápido. Segundo o irmão Orlando, de 84 anos, Cláudio era saudável, mas estava deprimido por estar aposentado, distante da mata. “Como era um solteirão, o trabalho tinha uma importância enorme na sua vida. O que o matou foi o isolamento.” Orlando disse que o irmão morreu sem terminar sua última obra, *A Arte dos Pajés*.

“Ele teve 250 crises de malária como todos nós, que vivemos muito tempo na selva.” Com os irmãos Orlando e Leonardo, Cláudio percorreu o interior do Brasil, contactou e viveu no meio de índios desconhecidos e ajudou a criar o Parque Nacional do



Arquivo/AE

Cláudio: depressão longe da mata

Xingu e a Fundação Nacional do Índio (Funai). Os Villas-Boas tornaram-se famosos como desbravadores ao realizar a saga conhecida como *Marcha para o Oeste*, em 1943. Leonardo morreu jovem, mas os dois documentaram todo o trabalho e publicaram 13 livros.

A marcha começou em 43, como parte do projeto desenvolvimentista do então presidente Getúlio Vargas,

e entrou pelos anos 60. Está minuciosamente relatada no livro *Marcha para o Oeste*. No rastro do desbravamento surgiram 34 cidades, centenas de vilas e quatro campos de pouso da Força Aérea Brasileira.

“No começo da expedição, nós fomos admitidos como trabalhadores braçais, porque o chefe da expedição, Flaviano de Mattos Vanique, só contratava gente analfabeta. Um dia fomos descobertos como alfabetizados: Cláudio passou a ser chefe de pessoal, Leonardo foi ser chefe do almoxarifado e eu fui o secretário da base”, lembra Orlando. A convivência com os índios, que se iniciava ali, não era fácil. “Só na região xavante, tivemos 18 escaramuças com os índios e levamos 11 meses atravessando uma área de 300 quilômetros.”

Para Orlando, a expedição ajudou a conhecer também o branco brasileiro. “O nosso sertanejo era tido como homem sem lei. Descobrimos neles uma personalidade, uma ética de comportamento que dá lição aos homens da cidade.”

2/3/98
2682

14-A